

LÍNGUA PORTUGUESA

Instrução: As questões **01** e **02** tomam por base o texto seguinte.

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público brasileiro. De origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados.

(Ana Beatriz Barbosa Silva.

Bullying: mentes perigosas nas escolas, 2010. Adaptado.)

1  **B**

Segundo o texto,

- a) embora a palavra *bullying* ainda não seja muito familiar em nosso país, com o tempo ela se tornará quase natural para nós.
- b) os comportamentos violentos de garotos e garotas, em contexto escolar, têm recebido a denominação inglesa de *bullying*.
- c) mesmo ignorado pela maior parte das pessoas, o termo *bullying* designa um fenômeno que está sendo encarado com crescente naturalidade.
- d) a falta de uma tradução para a palavra inglesa *bullying* provoca dificuldades para qualificar comportamentos violentos na escola.
- e) somente a metade das manifestações violentas, na escola, qualificadas como *bullying*, apresenta motivações justificáveis.

Resolução

A definição contida na alternativa de resposta corresponde precisamente à que se encontra no segundo período do texto.

De acordo com o texto,

- a) os estudantes mais fortes usam de sua prepotência e do constrangimento e intimidação dos mais frágeis, com o objetivo de se divertirem.
- b) as ações violentas, praticadas no ambiente escolar, são invariavelmente frequentes, involuntárias e motivadas por sofrimentos dos agressores.
- c) o sofrimento proveniente das manifestações violentas na escola pode demandar tratamentos dispendiosos, porém eficientes.
- d) em geral, as agressões sofridas pelos alunos não são gratuitas e possuem causas cada vez mais claramente identificáveis.
- e) a humilhação e o medo a que são submetidas as vítimas do *bullying* são consequências naturais da sociedade contemporânea.

Resolução

A alternativa *a* reformula o que se encontra no penúltimo período do texto.

Leia o texto.

O cyberbullying é um problema crescente justamente porque os jovens usam cada vez mais a tecnologia. Ana, 13 anos, já era perseguida na escola – e passou a ser acuada, prisioneira de seus agressores via internet. Hoje, vive com medo e deixou de adicionar “amigos” em seu perfil no Orkut. Além disso, restringiu o acesso ao MSN. Mesmo assim, o tormento continua. As meninas de sua sala enviam mensagens depreciativas, com apelidos maldosos e recados humilhantes, para amigos comuns. Os qualificativos mais leves são “nojenta, nerd e lésbica”. Outros textos dizem: “Você deveria parar de falar com aquela piranha” e “A emo já mudou a sua cabeça, hein? Vá pro inferno”. Ana, é claro, fica arrasada. “Uso preto, ouço rock e pinto o cabelo. Curto coisas diferentes e falo de outros assuntos. Por isso, não me aceitam.”

(Beatriz Santomauro. Nova Escola, junho/julho 2010. Adaptado.)

Conforme o texto,

- o desenvolvimento da tecnologia extinguirá o problemas do *cyberbullying* entre os jovens.
- apenas os jovens que não frequentam a escola são perseguidos implacavelmente pela internet.
- Ana é vítima do *cyberbullying* porque tem gostos e interesses que seu grupo social não aprecia.
- os qualificativos enviados pelas colegas de sala a amigos comuns levaram Ana a usar preto e pintar o cabelo.
- a restrição do acesso ao MSN e o uso mais limitado do Orkut eliminam, significativamente, problemas de *cyberbullying*.

Resolução

A alternativa c retoma as declarações da vítima do *cyberbullying* no final do texto. Segundo ela, sua exclusão se deve às diferenças de gosto e de comportamento em relação aos colegas agressores.

Leia o texto.

Dimitria cursava a oitava série no colégio e desapareceu durante as férias de julho de 2008. Segundo a polícia, a garota avisou que iria viajar em companhia do caseiro, mas nunca mais foi vista. (...) De acordo com a polícia, [o caseiro] Silva disse que matou a menina porque era apaixonado por ela, mas ela não o correspondia.

(Folha de S.Paulo, 16.08.2010.)

No texto, há um erro gramatical. O tipo de erro e a versão que o corrige estão, respectivamente, em

- a) uso de conectivo – Silva disse no depoimento o qual matou a menina (...)
- b) uso de pronome – (...) porque era apaixonado por ela, mas ela não correspondia.
- c) uso de conectivo – (...) iria viajar em companhia do caseiro, porém nunca mais foi vista.
- d) uso de adjetivo – (...) porque era obcecado por ela, mas ela não o correspondia.
- e) uso de verbo – Dimitria frequentava a oitava série no colégio (...)

Resolução

O erro consiste no emprego do pronome *o* como objeto indireto de *correspondia*, função que exigiria outro pronome oblíquo: *lhe*. Observe-se que, certamente por erro de revisão, o pronome em questão não foi transcrito na alternativa de resposta.

Instrução: Leia o texto para responder às questões de números **05** a **07**.

Nos últimos três anos foram assassinadas mais de 140 mil pessoas no Brasil. Uma média de 47 mil pessoas por ano. Uma parcela expressiva destas mortes, que varia de região para região, é atribuída à ação da polícia, que se respalda na impunidade para continuar cometendo seus crimes. São 25 assassinatos ao ano por cada 100 mil pessoas, índice considerado de violência epidêmica, segundo organismos internacionais.

Se os assassinatos com armas de fogo são uma face da violência vivida na nossa sociedade, ela não é a única. Logo atrás, em termos de letalidade, estão os acidentes fatais de trânsito, com cerca de 33 mil mortos em 2002 e 35 mil mortes por ano em 2004 e 2005. Isto, sem falar nos acidentados não fatais socorridos pelo Sistema Único de Saúde, que multiplicam muitas vezes os números aqui apresentados e representam um custo que o IPEA estima em R\$ 5,3 bilhões para o ano de 2002.

A lista da violência alonga-se incrivelmente. Sobre as mulheres, os negros, os índios, os gays, sobre os mendigos na rua, sobre os movimentos sociais etc. Uma discussão num botequim de periferia pode terminar em morte. A privação do emprego, do salário digno, da educação, da saúde, do transporte público, da moradia, da segurança alimentar, tudo isso pode ser compreendido, considerando que incide sobre direitos assegurados por nossa Constituição, como tantas outras formas de violência.

(Silvio Caccia Baya. Le Monde Diplomatique Brasil, agosto 2010. Adaptado.)

5  **D**

Segundo o texto,

- a) as formas de violência mais difíceis de eliminar são aquelas relacionadas aos assassinatos e aos acidentes fatais de trânsito.
- b) os assassinatos com armas de fogo, nas periferias, constituem a face perversa da impunidade exercida pela polícia.
- c) nossa Constituição assegura direitos restritos aos negros, aos índios e aos gays e, assim, eles costumam também ser alvo de muita violência.
- d) como causa de mortalidade, os acidentes de trânsito são quase tão importantes quanto os assassinatos, no ranking da violência no Brasil.
- e) o conjunto das mortes pela violência – assassinatos, acidentes de trânsito e constrangimentos a vários grupos sociais – onera os cofres do Estado.

Resolução

Os trechos que comprovam a afirmação da alternativa de resposta são: “nos últimos três anos foram assassinadas mais de 140 mil pessoas no Brasil”. e “Logo atrás, em termos de letalidade, estão os acidentes fatais de trânsito”.

6 A

No período *Uma parcela expressiva destas mortes, que varia de região para região, é atribuída à ação da polícia, que se respalda na impunidade para continuar cometendo seus crimes*, as palavras sublinhadas referem-se, respectivamente,

- a) à palavra *parcela* e tem a função de sujeito; à palavra *polícia* e tem a função de sujeito.
- b) à palavra *mortes* e tem a função de sujeito; à palavra *polícia* e tem a função de sujeito.
- c) à palavra *parcela* e tem a função de objeto; à palavra *polícia* e tem a função de objeto.
- d) à palavra *parcela* e tem a função de objeto; à palavra *ação* e tem a função de sujeito.
- e) à palavra *parcela* e tem a função de sujeito; à palavra *ação* e tem a função de sujeito.

Resolução

Os pronomes relativos em questão referem-se, respectivamente, a *parcela* e a *polícia* e funcionam sintaticamente como sujeitos das orações que introduzem.

7 D

Considere as afirmações.

- I. A falta de empregos, a baixa remuneração e o déficit habitacional raramente são compreendidos como forma de violência.
- II. O não-oferecimento de educação, saúde e transporte público a toda a população também pode ser visto como uma forma de violência.
- III. Uma briga de bar que resulta em morte é um ingrediente a mais a engrossar o caldo da violência no país.

As ideias apresentadas no texto encontram-se em

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Resolução

O último parágrafo do texto apresenta as afirmações contidas em II e III.

Instrução: Leia o texto para responder às questões de números **08 a 10**.

Por causa do assassinato do caminhoneiro Pascoal de Oliveira, o Nego, pelo – também caminhoneiro – japonês Kababe Massame, após uma discussão, em 31 de julho de 1946, a população de Osvaldo Cruz (SP), que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da Shindô-Renmei na cidade, saiu às ruas e invadiu casas, disposta a maltratar “impiedosamente”, na palavra do historiador local José Alvarenga, qualquer japonês que encontrasse pela frente. O linchamento dos japoneses só foi totalmente controlado com a intervenção de um destacamento do Exército, vindo de Tupã, chamado pelo médico Oswaldo Nunes, um herói daquele dia totalmente atípico na história de Osvaldo Cruz e das cidades brasileiras.*

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o eclipse do Estado Novo e o desmantelamento da Shindô-Renmei, inicia-se um ciclo de emudecimento, de ambos os lados, sobre as quatro décadas de intolerância vividas pelos japoneses. Do lado local, foi sedimentando-se no mundo das letras a ideia do país como um “paraíso racial”. Do lado dos imigrantes, as segundas e terceiras gerações de filhos de japoneses se concentraram, a partir da década de 1950, na construção da sua ascensão social. A história foi sendo esquecida, junto com o idioma e os hábitos culturais de seus pais e avós.

(Matinas Suzuki Jr. Folha de S.Paulo, 20.04.2008.
Adaptado.)

* *Shindô-Renmei* foi uma organização nacionalista, que surgiu no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra. Possuía alguns membros mais fanáticos que cometiam atentados, tendo matado e ferido diversos cidadãos nipo-brasileiros.

O texto permite afirmar que

- a) o antigo e pernicioso sentimento de intolerância entre brasileiros e japoneses, cultivado há quatro décadas, recrudescer no pós-guerra.
- b) a ideia de um “paraíso racial”, cristalizada no mundo das letras, foi bastante benéfica para o desenvolvimento do país.
- c) a ideologia, de um lado, e o pragmatismo, de outro, criaram condições para uma fase de silêncio sobre a intolerância antinipônica.
- d) as motivações racistas do assassinato do caminhoneiro Pascoal pelo caminhoneiro Kababe, em 1946, desencadearam as hostilidades entre brasileiros e japoneses.
- e) a violência dos atentados da *Shindô-Renmei* reprimiu a intolerância dos brasileiros contra os japoneses.

Resolução

A literatura da primeira metade do século XX disseminou a ideologia do Brasil como “paraíso racial” e os japoneses de segunda e terceira gerações empenharam-se em ascender socialmente. Assim, tanto a ideologia, quanto a atitude pragmática dos imigrantes contribuíram para ocultar a intolerância contra os japoneses.

No texto, as orações (...) *que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da Shindô-Renmei na cidade (...)* e (...) *que encontrasse pela frente (...)* são exemplos, respectivamente, de oração subordinada adjetiva explicativa e subordinada adjetiva restritiva, porque:

- a) a primeira limita o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda explica o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).
- b) a pausa, antes e depois da primeira oração, revela seu caráter de restrição e precisão do sentido do termo antecedente, tal como se dá com a segunda oração.
- c) na primeira, a oração é indispensável para precisar o sentido da anterior, enquanto, na segunda, a oração pode ser eliminada.
- d) a primeira explica o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda limita o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).
- e) o sentido do termo “qualquer japonês”, explicado na segunda oração, é determinante para a compreensão da primeira.

Resolução

A justificativa apresentada na alternativa explica exatamente a função de cada oração adjetiva: a explicativa se refere a *todo o conjunto do antecedente* e a restritiva delimita a *parte* desse conjunto a que se refere.

No texto, os termos *à flor da pele* e *eclipse* trazem as ideias de, respectivamente,

- a) irritação e ressurgimento.
- b) ódio e obscurecimento.
- c) vingança e desaparecimento.
- d) nervosismo e recrudescimento.
- e) ultrasensibilidade e final.

Resolução

A expressão *à flor* sugere o que está na superfície. Assim, *à flor da pele* indica extrema susceptibilidade. *Eclipse* foi empregado em sentido figurado e significa “desaparecimento, ausência, término”.

Instrução: Leia o excerto para responder às questões de números 11 e 12.

*Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...*

*Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
E assim roubados à morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... Irrisão!...*

(Castro Alves. Fragmento de
O navio negreiro – tragédia no mar.)

Considere as seguintes afirmações.

- I. O texto é um exemplo de poesia carregada de dramaticidade, própria de um poeta-condor, que mostra conhecer bem as lições do “mestre” Victor Hugo.
- II. Trata-se de um poema típico da terceira fase romântica, voltado para auditórios numerosos, em que se destacam a preocupação social e o tom hiperbólico.
- III. É possível reconhecer nesse fragmento de um longo poema de teor abolicionista o gosto romântico por uma poesia de recursos sonoros.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) III, apenas.
d) I e II, apenas. e) I, II e III.

Resolução

Castro Alves vincula-se à terceira geração de poetas românticos brasileiros, influenciada pelo escritor francês Victor Hugo.

Tomado por forte desejo de liberdade, o poeta aborda questões sociais e desenvolve, no texto, tema de teor abolicionista, em linguagem grandiloquente, dirigida a um grande público, empregando recursos sonoros como a repetição de sons sibilantes, lembrando o som do chicote a cortar o ar em “ao som do açoite irrisão”.

Nesse fragmento do poema,

- a) o poeta se vale do recurso ao paralelismo de construção apenas na primeira estrofe.
- b) o eu-poemático aborda o problema da escravidão segundo um jogo de intensas oposições.
- c) os animais evocados – *leão*, *jaguar* e *serpente* – têm, respectivamente, sentidos denotativo, denotativo e metafórico.
- d) o tom geral assumido pelo poeta revela um misto de emoção, vigor e resignação diante da escravidão.
- e) os versos são constituídos alternadamente por sete e oito sílabas poéticas.

Resolução

- a) **Incorreta.** O paralelismo mantém-se na segunda estrofe, pois o texto continua estruturado em oposições que envolvem o passado e o presente dos africanos trazidos para o Brasil.
- b) **Correta.**
- c) **Incorreta.** Em “caça ao leão”, temos sentido denotativo, pois o substantivo *leão* refere-se ao animal; em “tendo a peste por jaguar”, há metáfora que associa a peste ao felino; em “lúgubre serpente”, ocorre metáfora, pois se associa a corrente que prende os escravos a uma serpente.
- d) **Incorreta.** Não há resignação, mas sim indignação do poeta, notadamente em vocábulos de teor semântico negativo, como “lúgubre”, “infecto”, “imundo” etc.
- e) **Incorreta.** Todos os versos são constituídos por sete sílabas métricas.

Instrução: As questões de números 13 e 14 tomam por base o texto.

Amaro lia até tarde, um pouco perturbado por aqueles períodos sonoros, tímidos de desejo; e no silêncio, por vezes, sentia em cima ranger o leito de Amélia; o livro escorregava-lhe das mãos, encostava a cabeça às costas da poltrona, cerrava os olhos, e parecia-lhe vê-la em colete diante do toucador desfazendo as tranças; ou, curvada, desapertando as ligas, e o decote da sua camisa entreaberta descobria os dois seios muito brancos.

Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir.

Começara então a recomendar-lhe a leitura dos Cânticos a Jesus.

– Verá, é muito bonito, de muita devoção! Disse ele, deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.

Ao outro dia, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até o meio da face. Queixou-se de insônia, de palpitações.

– E então, gostou dos Cânticos?

– Muito. Orações lindas! respondeu.

Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro. Parecia triste – e sem razão, às vezes, o rosto abraçava-se-lhe de sangue.

(Eça de Queirós. *O crime do padre Amaro.*)

13



A

O trecho em que a ação de uma personagem se demonstra impregnada de determinismo biológico e permite associar o romance de Eça de Queirós ao movimento estético denominado Naturalismo é:

- a) *Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir.*
- b) *Começara então a recomendar-lhe a leitura dos Cânticos a Jesus.*
- c) *(...) deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.*
- d) *Queixou-se de insônia, de palpitações.*
- e) *Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro.*

Resolução

Teste falho, pois reação semelhante à que Eça atribui a Amaro, de excitação sexual perturbadora e incontida, encontra-se em literatura de outros períodos, totalmente estranhos ao Naturalismo e à sua crença cientificista no determinismo biológico.

O texto permite afirmar que

- a) o livro de orações que Amaro costumava ler desperta seu amor por Amélia.
- b) a observação diária de certas ações de Amélia desperta o desejo de Amaro.
- c) embora Amélia ache lindas as orações do livro, a obra a deixa perturbada.
- d) o livro que Amaro empresta a Amélia aumenta, aos poucos, sua religiosidade.
- e) com a leitura do livro, Amélia passa a corresponder aos sentimentos de Amaro.

Resolução

Tudo que se pode depreender do texto é que Amélia elogia a beleza do livro que, por algum motivo, a deixa perturbada. Do último parágrafo, que descreve as alterações provocadas no comportamento de Amélia, entende-se que o livro funciona para ela como sinédoque de Amaro.

Instrução: As questões de 15 a 17 tomam por base o fragmento.

(...) *Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.*

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

(Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.)

15



Indique a frase que, no contexto do fragmento, ratifica o sentido de *o menino é o pai do homem*, citação inicial do narrador.

- a) (...) *fui dos mais malignos do meu tempo* (...)
- b) (...) *um dia quebrei a cabeça de uma escrava* (...)
- c) (...) *deitei um punhado de cinza ao tacho* (...)
- d) (...) *fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado* (...)
- e) (...) *alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras*.

Resolução

No texto, a citação inicial do narrador – “o menino é o pai do homem” – é confirmada em “(...) alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras”, referindo-se ao fato de que seu comportamento infantil, que lhe fez merecedor da alcunha “menino diabo”, perdurou até ele se tornar adulto, como fica dito no último parágrafo do texto.

16 B

É correto afirmar que

- a) se trata basicamente de um texto naturalista, fundado no Determinismo.
- b) o texto revela um juízo crítico do contexto escravista da época.
- c) o narrador se apresenta bastante sizado e amargo, bem ao gosto machadiano.
- d) o texto apresenta papéis sociais ambíguos das personagens em foco.
- e) os comportamentos desumanos do narrador são sutilmente desnudados.

Resolução

O texto representa de forma corrosivamente crítica o contexto escravista da época em que se passa a história, e mesmo da época de sua publicação (1881).

17 D

Para reforçar a caracterização do “*menino diabo*” atribuída ao narrador, é utilizado principalmente o seguinte recurso estilístico:

- a) amplo uso de metáforas que se reportam aos comportamentos negativos do menino.
- b) seleção lexical que emprega muitos vocábulos raros à época, particularmente os adjetivos.
- c) recurso frequente ao discurso direto para exemplificar as traquinagens do garoto.
- d) utilização recorrente de orações coordenadas sindéticas aditivas.
- e) emprego significativo de orações subordinadas adjetivas restritivas.

Resolução

Há diversas orações coordenadas aditivas introduzidas pela conjunção *e*, empregadas na enumeração das traquinagens da personagem, servindo o polissíndeto como recurso intensificador.

Instrução: Leia o texto para responder às questões de números 18 e 19.

*Crescia naturalmente
Fazendo estripulia,
Malino e muito arguto,
Gostava de zombaria.
A cabeça duma escrava
Quase arrebentei um dia.*

*E tudo isso porque
Um doce me havia negado,
De cinza no tacho cheio
Inda joguei um punhado,
Daí porque a alcunha
De “Menino Endiabrado”.*

*Prudêncio era um menino
Da casa, que agora falo.
Botava suas mãos no chão
Pra poder depois montá-lo:
Com um chicote na mão
Fazia dele um cavalo.*

(Varnei Nascimento.

Memórias póstumas de Brás Cubas em cordel.)

18  **A**

A versão modificada, adaptada à oralidade – como usualmente se dá na produção da literatura de cordel – apresenta termos semelhantes aos do texto original de Machado de Assis, que podem ser identificados em todas as palavras da alternativa

- a) malino, botava, inda, pra.
- b) estripulia, malino, inda, pra.
- c) estripulia, zombaria, inda, daí.
- d) zombaria, botava, inda, pra.
- e) malino, botava, zombaria, daí.

Resolução

O termo *malino* corresponde, no texto de Machado de Assis, a *malignos*; *botava*, a *punha*; *inda* e *pra* não têm equivalentes no texto, o que torna este teste sem resposta, pois nenhuma das demais alternativas é aceitável.

Considere as seguintes afirmações:

- I. Os versos do poema possuem sete sílabas poéticas.
- II. O poema é composto por três sextilhas.
- III. As três estrofes obedecem ao esquema de rimas ABCBDB.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

Resolução

Os versos são agrupados em *sextilhas*, estrofes de seis versos, e apresentam sete sílabas (são redondilhos maiores ou heptassílabos). O esquema de rimas mantém-se apenas nas duas primeiras estrofes: ABCBDB. Na terceira estrofe, há alteração: ABCBCB.

Compare o trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com o fragmento do poema *O navio negreiro – tragédia no mar*, de Castro Alves (questões 11 e 12). Indique a alternativa que apresenta aspectos observáveis nos dois textos.

- a) Tema da escravidão, contenção expressional, exploração do ritmo da frase, visão crítica da realidade.
- b) Ironia, exploração do ritmo da frase, intertextualidade explícita, denúncia de problemas sociais.
- c) Tema da escravidão, visão crítica da realidade, exploração do ritmo da frase, representação do homem como objeto do homem.
- d) Estilo apurado, visão crítica da realidade, representação do homem como objeto do homem, intertextualidade explícita.
- e) Tema da escravidão, tom arrebatado, visão crítica da realidade, estilo apurado.

Resolução

Além de os dois textos abordarem o tema da escravidão, com visão crítica da realidade, e representarem o homem como vítima do homem, há, no poema, exploração do ritmo da frase, versos redondilhos maiores e, na prosa de Machado, na sequência de orações curtas que imprimem velocidade ao texto na enumeração de atitudes de Brás Cubas em relação a Prudêncio e, também, nas frases “ai, nonhó!” e “Cala a boca, besta!”, que alternam sílabas tônicas e átonas.

Instrução: As questões de números 21 a 24 tomam por base o fragmento seguinte.

As provocações no recreio eram frequentes, oriundas do enfado; irritadiços todos como feridas; os inspetores a cada passo precisavam intervir em conflitos; as importunações andavam em busca das suscetibilidades; as suscetibilidades a procurar a sarna das importunações. Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos. Viam Rômulo passar, lançavam-lhe o apelido: mestre-cuca!

Esta provocação era, além de tudo, inverdade. Cozinheiro, Rômulo! Só porque lembrava culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões, ou porque era gordo das enxúndias enganadoras dos fregistas, dissolução mórbida de sardinha e azeite, sob os aspectos de mais volumosa saúde?

(...)

Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpulência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.

Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro. Rômulo, no meio, ficava tonto, esbravejando juras de morte, mostrando o punho. Em geral procurava reconhecer algum dos impertinentes e o marcava para a vindita. Vindita inexorável.

No decorrer enfadonho das últimas semanas, foi Rômulo escolhido, principalmente, para expiatório do desfastio. Mestre-cuca! Via-se apregoado por vozes fantásticas, saídas da terra; mestre-cuca! Por vozes do espaço rouquenhadas ou esganiçadas. Sentava-se acabrunhado, vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida; a unanimidade impressionava. Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos. Os rapazes corriam a rir, abrindo caminho, deixando rolar adiante aquela ambulância danada de elefantíase.

(Raul Pompeia. *O Ateneu*.)

Considere as seguintes afirmações.

- I. A alcunha de mestre-cuca, recebida por Rômulo, advinha do fato de ter praticado, anteriormente, a arte culinária.
- II. As agressões e humilhações sofridas por Rômulo eram essencialmente motivadas por sua antipatia.
- III. As reações de Rômulo às provocações dos colegas variavam conforme as circunstâncias.

De acordo com o texto, está correto o que se afirma apenas em

- a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) II e III.

Resolução

As reações de Rômulo, ao se defender das agressões dos colegas do internato, modificavam-se de acordo com as circunstâncias. Ora “sentava-se acabrunhado”, tentando entender se o apelido era-lhe cabível (“vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida”); mais frequentemente, contudo, manifestava sua raiva, agredindo os internos (“arremetia bufando, espumando, olhos fechados (...”). As afirmações I e II estão erradas, pois o apelido *Mestre-cuca* se deveu a sua obesidade.

Indique a alternativa em que os fragmentos selecionados exemplificam, respectivamente, a manifestação clara do ponto de vista do narrador e a opinião do grupo, a propósito de Rômulo.

- a) *Cozinheiro, Rômulo! – Vindita inexorável.*
- b) *Vindita inexorável. – Cozinheiro, Rômulo!*
- c) *Mestre-cuca! – Vindita inexorável.*
- d) *Cozinheiro, Rômulo! – Mestre-cuca!*
- e) *Mestre-cuca! – Cozinheiro, Rômulo!*

Resolução

A expressão “cozinheiro, Rômulo!” exprime um comentário do narrador diante da impropriedade do apelido, conforme o trecho: “Esta provocação era, além de tudo, inverdade. Cozinheiro, Rômulo! Só porque lembrava culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões.”

Sobre o texto, é correto afirmar:

- a) A atmosfera tensa presente no cotidiano do colégio era produto, sobretudo, da marcação cerrada dos inspetores, que intervinham nos muitos conflitos.
- b) Rômulo, devido às provocações que sofre, perde as certezas sobre si mesmo e assume um comportamento que oscila entre a angústia e ataques de fúria.
- c) Alguns alunos, por serem muito suscetíveis, importunavam outros colegas, puxando-lhes o cabelo ou colocando-lhes apelidos.
- d) A brutalidade física de Rômulo era a única solução que encontrava para enfrentar a chacota dos alunos mais fortes.
- e) A unanimidade dos alunos em chamar Rômulo de cozinheiro fazia com que preponderasse sua atitude de entregar-se ao acabrunhamento.

Resolução

A reação de Rômulo às provocações dos colegas de escola oscila entre “acessos de raiva” e angústia. Nos momentos de depressão, sentava-se acabrunhado, em dúvida sobre se dera motivo ao apelido de Mestre-cuca.

Tendo em vista a função sintática da palavra grifada no fragmento *Para que o não manifestassem excessivamente, faziase temer pela brutalidade*, assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce a mesma função:

- a) *Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.*
- b) *Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro.*
- c) *Via-se apregoado por vozes fantásticas, saídas da terra.*
- d) *Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva.*
- e) *Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos.*

Resolução

O pronome *o* tem a função sintática de objeto direto, completa o sentido do verbo *manifestar*. A mesma função sintática é exercida por “os cabelos”, objeto direto do verbo *puxar*.

Instrução: As questões de números 25 a 27 tomam por base o fragmento.

[Sem-Pernas] *queria alegria, uma mão que o acari-nhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava “meu padrinho” e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u’a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava. Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto.*

(Jorge Amado. Capitães da areia.)

Considere as afirmações seguintes.

- I. O fragmento do romance, ambientado na cidade de Salvador das primeiras décadas do século passado, aborda a vida de uma criança em situação de absoluta exclusão social e violência, o que destoa do projeto literário e ideológico dos escritores brasileiros que compõem a “Geração de 30”.
- II. Valendo-se das conquistas do Modernismo, o romance apresenta linguagem fluente e acessível ao grande público, utilizando-se de um português coloquial, simples, próximo a um modo natural de falar, com o largo emprego da frase curta e econômica.
- III. Sem-Pernas é uma personagem que, embora encarne um tipo social claramente delimitado, o do menino “pobre, abandonado, aleijado e discriminado”, adquire alguma profundidade psicológica, à medida que seu passado e suas experiências dolorosas vêm à tona.

Conforme o texto, está correto o que se afirma apenas em

- a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) II e III.

Resolução

Sobre I: a abordagem da vida marginalizada de um grupo juvenil não destoa do projeto literário e ideológico da “Geração de 30”. O enfoque de *Capitães da Areia* vai ao encontro da proposta do neorealismo voltado para a denúncia das mazelas sociais.

O zigue-zague temporal ligado à vida de Sem-Pernas, empregado no fragmento para a composição da personagem, é construído de maneira muito precisa, por meio da utilização alternada de diversos tempos verbais. Indique a alternativa em que há, respectivamente, um tempo verbal que expressa fatos ocorridos num tempo anterior a outros fatos do passado e um tempo verbal usado para marcar o caráter hipotético de certas ações ou o desejo de que se realizassem.

- a) *Vivera* na casa de um padeiro (...) – uma mão que o *acarinhasse* (...)
- b) Em cada canto *estava* um com uma borracha comprida. – *Sofreu* fome.
- c) Nunca *tivera* família. – A perna coxa se *recusava* a ajudá-lo.
- d) A princípio *chorou* muito (...) – Mas de dentro dele nunca *desapareceu* a dor daquela hora.
- e) Ele *quer* um carinho (...) – Um dia *levaram-no* preso.

Resolução

A forma *vivera* é do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tempo verbal que expressa ocorrência anterior a outra ocorrência passada. A forma *acarinhasse* é do pretérito imperfeito do subjuntivo, modo verbal que exprime o caráter hipotético ou o aspecto volitivo da ação.

O emprego da figura de linguagem conhecida como “prosopopeia” (ou “personificação”) põe mais em evidência a principal razão pela qual Sem-Pernas é estigmatizado. O trecho que contém essa figura é

- a) *A perna coxa se recusava a ajudá-lo.*
- b) *Em cada canto estava um com uma borracha comprida.*
- c) *(...) depois, não sabe como, as lágrimas secaram.*
- d) *E a borracha zunia nas suas costas (...)*
- e) *Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora.*

Resolução

O motivo pelo qual Sem-Pernas é estigmatizado aparece na passagem em que se personifica a parte inerte de seu corpo: a perna.

Instrução: Leia o texto para responder às questões de números 28 a 30.

*De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Co'os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni*

(Chico Buarque. Geni e o zepelim.)

A partir do início do fragmento selecionado, uma série de versos consecutivos vai caracterizando a personagem Geni numa mesma direção semântica e segundo uma mesma lógica, até que um determinado verso provoca uma ruptura significativa nessa trajetória, criando uma intensa oposição de sentido no poema. Esse verso está transcrito em

- a) *Dá-se assim desde menina.*
- b) *É a rainha dos detentos.*
- c) *Ela é um poço de bondade.*
- d) *Joga pedra na Geni.*
- e) *Ela dá pra qualquer um.*

Resolução

Uma série de versos consecutivos caracterizam a personagem Geni como alguém que, fugindo ao padrão decoroso de castidade e pudor, entrega-se com facilidade a pessoas consideradas socialmente desclassificadas (“Dá-se assim desde menina”; “É a rainha dos detentos”; “Ela é um poço de bondade”; “Ela dá pra qualquer um”). O verso “Joga pedra na Geni” rompe com essa direção semântica e “provoca uma ruptura significativa”, pois exprime o desprezo social acerca da atitude de Geni, que é vista como alguém passível de punição por sua liberalidade e generosidade, celebradas até a surpreendente irrupção de brutalidade.

Indique a alternativa que identifica corretamente, de modo respectivo, a métrica e a natureza predominante das rimas.

- a) Heptassílabos – rima toante.
- b) Octossílabos – rima toante.
- c) Hexassílabos – rima consoante.
- d) Octossílabos – rima consoante.
- e) Heptassílabos – rima consoante.

Resolução

Os versos da letra da canção de Chico Buarque de Holanda são heptassílabos, também denominados redondilhos maiores, e a rima é consoante. (Rima toante é a que implica igualdade apenas das vogais a partir da última tônica; rima consoante exige igualdade de vogais e consoantes).

Indique a alternativa que apresenta a função sintática do verso *De tudo que é nego torto*.

- a) Adjunto adverbial de modo.
- b) Objeto indireto.
- c) Predicativo do sujeito.
- d) Adjunto adnominal.
- e) Complemento nominal.

Resolução

Colocando-se os versos em ordem direta, tem-se: Ela já foi namorada de tudo que é nego torto. Trata-se de complemento do substantivo *namorada* que, tal como o verbo cognato *namorar*, tem sentido transitivo.

Instrução: Leia o texto para responder às questões de números 31 a 39.

Brazil: the natural knowledge economy

Kirsten Bound – THE ATLAS OF IDEAS

If you grew up in Europe or North America you will no doubt have been taught in school that the Wright Brothers from Ohio invented and flew the first aeroplane – the Kitty Hawk – in 1903. But if you grew up in Brazil you will have been taught that the real inventor was in fact a Brazilian from Minas Gerais called Alberto Santos Dumont, whose 14-bis aeroplane took to the skies in 1906. This fierce historical debate, which turns on definitions of ‘practical airplanes’, the ability to launch unaided, length of time spent in the air and the credibility of witnesses, will not be resolved here. Yet it is a striking example of the lack of global recognition for Brazil’s achievements in innovation.

Almost a century later, in 2005, Santos Dumont’s intellectual heirs, the company Empresa Brasileira de Aeronáutica (EMBRAER), made aviation history of a different kind when they unveiled the Ipanema, the world’s first commercially produced aircraft to run solely on biofuels. This time, the world was watching. Scientific American credited it as one of the most important inventions of the year. The attention paid to the Ipanema reflects the growing interest in biofuels as a potential solution to climate change and rising energy demand. To their advocates, biofuels – most commonly bioethanol or biodiesel – offer a more secure, sustainable energy supply that can reduce carbon emissions by 50–60 per cent compared to fossil fuels.

From learning to fly to learning to cope with the environmental costs of flight, biofuel innovations like the Ipanema reflect some of the tensions of modern science, in which expanding the frontiers of human ingenuity goes hand in hand with managing the consequences. The recent backlash against biofuels, which has seen them blamed for global food shortages as land is reportedly diverted from food crops, points to a growing interdependence between the science and innovation systems of different countries, and between innovation, economics and environmental sustainability.

The debates now raging over biofuels reflect some of the wider dynamics in Brazil’s innovation system. They remind us that Brazil’s current strengths and achievements have deeper historical roots than is sometimes imagined. They reflect the fact that Brazil’s natural resources and assets are a key area of opportunity for science and innovation – a focus that leads us to characterise Brazil as a ‘natural knowledge economy’. Most importantly, they highlight the propitious timing of Brazil’s growing strength in these areas at a time when climate change, the environment, food

scarcity and rising worldwide energy demand are at the forefront of global consciousness. What changed between the maiden flight of the 14-bis and the maiden flight of the Ipanema is not just Brazil's capacity for technological and scientific innovation, but the rest of the world's appreciation of the potential of that innovation to address some of the pressing challenges that confront us all.

(www.demos.co.uk. Adaptado.)

31 B

The dispute about the first plane to take off and fly

- a) can't be solved due to a historical debate between Santos Dumont and the Wright Brothers.
- b) shows that the world does not truly accept Brazil's innovation and invention.
- c) established a plausible definition of flying artifacts as well as biased witnesses from Ohio.
- d) has been solved since Santos Dumont flew his 14-bis plane in 1906.
- e) has started in the USA, where children learn that the Kitty Hawk was the first plane to fly.

Resolução

A disputa a respeito do primeiro avião que decolou e voou mostra que o mundo não aceita, verdadeiramente, as inovações e invenções do Brasil.

No texto:

“This fierce historical debate, which turns on definitions of ‘practical airplanes’, the ability to launch unaided, length of time spent in the air and the credibility of witnesses, will not be resolved here. Yet it is a striking example of the lack of global recognition for Brazil’s achievements in innovation.”

- * *fierce* = feroz
- * *lack* = falta
- * *achievements* = realizações

According to the text, in Brazil people learn that

- a) the Kitty Hawk spent less time in the air than the 14-bis.
- b) both the Kitty Hawk and the 14-bis could not take off unaided.
- c) there were no pictures taken of the first 14-bis flight.
- d) Santos Dumont was born in Minas Gerais, where the 14-bis first flew.
- e) the 14-bis, created by Santos Dumont, had its maiden flight in 1906.

Resolução

De acordo com o texto, no Brasil, as pessoas aprendem que o 14-bis, criado por Santos Dumont, fez seu voo inaugural em 1906.

No texto:

“But if you grew up in Brazil you will have been taught that the real inventor was in fact a Brazilian from Minas Gerais called Alberto Santos Dumont, whose 14-bis aeroplane took to the skies in 1906.”

Segundo o texto, a aeronave Ipanema

- a) demonstrou que a pesquisa aeroespacial está progredindo por causa da disputa com os irmãos Wright.
- b) consolidou a EMBRAER, com mais de um século de inovação na aeronáutica, como a empresa do ano.
- c) chamou atenção por usar biocombustíveis e até foi considerada uma das invenções mais importantes de 2005.
- d) deu origem ao interesse do mundo por etanol e biodiesel como alternativos aos combustíveis fósseis.
- e) reduziu o consumo de combustível em cerca de 50 a 60%, tornando os voos mais econômicos.

Resolução

Segundo o texto, a aeronave Ipanema chamou atenção por usar biocombustíveis e até foi considerada uma das invenções mais importantes de 2005.

No texto:

“Almost a century later, in 2005, Santos Dumont’s intellectual heirs, the company Empresa Brasileira de Aeronáutica (EMBRAER), made aviation history of a different kind when they unveiled the Ipanema, the world’s first commercially produced aircraft to run solely on biofuels.”

* *heirs* = herdeiros

* *to unveil* = revelar

According to the text, biofuels

- a) have caused a strong reaction against them because land formerly used for food crops is now used for biofuel production.
- b) provide sustainable energy that can be used to minimize global food shortages and climate change.
- c) have shown detrimental effects on economics and environment, although they come from renewable sources.
- d) are a temporary solution to supply the soaring energy demand until new fossil fuel sources come into operation.
- e) should be produced in different countries and from varied crops in order to become economically viable.

Resolução

De acordo com o texto, os biocombustíveis causaram forte reação contrária, pois o solo anteriormente usado para plantações de alimentos é agora usado para produção de biocombustível.

No texto:

“The recent backlash against biofuels, which has seen them blamed for global food shortages as land is reportedly diverted from food crops,...”

- * *backlash* = revés
- * *to blame* = culpar
- * *shortage* = escassez
- * *to divert* = desviar

Brazil is characterized as a ‘*natural knowledge economy*’ because

- a) environmental and climate changes should be globally addressed.
- b) issues such as food scarcity and energy demand have been duly solved.
- c) there was no significant impact of biofuel crops on other agricultural commodities.
- d) science and innovation opportunities have been created from its natural resources.
- e) it has always produced plenty of agricultural goods thanks to its favorable climate.

Resolução

O Brasil é caracterizado como uma *natural knowledge economy* porque a ciência e as oportunidades de inovação foram criadas a partir de seus recursos naturais.

No texto:

“They reflect the fact that Brazil’s natural resources and assets are a key area of opportunity for science and innovation – a focus that leads us to characterise Brazil as a ‘*natural knowledge economy*’.”

- * *resources* = recursos
- * *assets* = bens

36



B

O trecho do segundo parágrafo – *This time, the world was watching.* –

- a) refere-se à fundação da EMBRAER com o lançamento do Ipanema.
- b) faz contraste com o ano de 1906, em que o 14-bis fez seu voo.
- c) faz uma analogia entre o Kitty Hawk e o Ipanema.
- d) considera que o intervalo de um século entre os voos do 14-bis e do Ipanema foi demasiado.
- e) refere-se aos cientistas americanos que viajaram no voo inaugural do Ipanema.

Resolução

O trecho mencionado faz contraste com o ano de 1906, em que o 14-bis fez seu voo.

37



A

No trecho do segundo parágrafo – *To their advocates, biofuels ...* – a expressão *their advocates* refere-se

- a) aos defensores dos biocombustíveis.
- b) aos herdeiros intelectuais de Santos Dumont.
- c) à EMBRAER.
- d) aos cientistas que idealizaram o Ipanema.
- e) aos cientistas americanos.

Resolução

A expressão *their advocates* refere-se aos defensores dos biocombustíveis.

* *advocates* = defensores

38



E

No trecho do terceiro parágrafo – *which has seen them blamed for global food shortages as land is reportedly diverted from food crops* – a palavra *as* introduz

- a) um contraste.
- b) uma condição.
- c) uma comparação.
- d) uma consequência.
- e) uma causa.

Resolução

No trecho mencionado, a palavra *as* introduz uma causa.

* *as* = pois, já que, porque

An example of the pressing challenges mentioned in last lines of the text – *the pressing challenges that confront us all.* – is

- a) the ‘natural knowledge economy’.
- b) technological and scientific innovation.
- c) climate change, the environment and food scarcity.
- d) Brazil’s current strengths and achievements.
- e) biofuel.

Resolução

Um exemplo dos desafios prementes mencionado nas últimas linhas do texto é *mudança climática, meio ambiente e escassez de alimentos.*

Instrução: Leia o texto para responder às questões de números **40** a **45**.

To Scientists, Laughter Is No Joke - It's Serious

March 31, 2010.

So a scientist walks into a shopping mall to watch people laugh. There's no punchline. Laughter is a serious scientific subject, one that researchers are still trying to figure out. Laughing is primal, our first way of communicating. Apes laugh. So do dogs and rats. Babies laugh long before they speak. No one teaches you how to laugh. You just do. And often you laugh involuntarily, in a specific rhythm and in certain spots in conversation.

You may laugh at a prank on April Fools' Day. But surprisingly, only 10 to 15 percent of laughter is the result of someone making a joke, said Baltimore neuroscientist Robert Provine, who has studied laughter for decades. Laughter is mostly about social responses rather than reaction to a joke. "Laughter above all else is a social thing," Provine said. "The requirement for laughter is another person."

Over the years, Provine, a professor with the University of Maryland Baltimore County, has boiled laughter down to its basics. "All language groups laugh 'ha-ha-ha' basically the same way," he said. "Whether you speak Mandarin, French or English, everyone will understand laughter. ... There's a pattern generator in our brain that produces this sound."

Each "ha" is about one-15th of a second, repeated every fifth of a second, he said. Laugh faster or slower than that and it sounds more like panting or something else. Deaf people laugh without hearing, and people on cell phones laugh without seeing, illustrating that laughter isn't dependent on a single sense but on social interactions, said Provine, author of the book "Laughter: A Scientific Investigation."

"It's joy, it's positive engagement with life," said Jaak Panksepp, a Bowling Green University psychology professor. "It's deeply social." And it's not just a people thing either. Chimps tickle each other and even laugh when another chimp pretends to tickle them. By studying rats, Panksepp and other scientists can figure out what's going on in the brain during laughter. And it holds promise for human ills.

Northwestern biomedical engineering professor Jeffrey Burgdorf has found that laughter in rats produces an insulin-like growth factor chemical that acts as an antidepressant and anxiety reducer. He thinks the same thing probably happens in humans, too. This would give doctors a new chemical target in the brain in their effort to develop drugs that fight depression and anxiety in people. Even so, laughter itself hasn't been proven to be the best medicine, experts said.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

Segundo o texto, a risada

- a) foi estudada pelos cientistas em locais com aglomeração de gente.
- b) só é prontamente entendida entre falantes do mesmo grupo linguístico.
- c) agrega diversos sentidos, como visão e audição, para ser comunicada.
- d) já foi estudada por cientistas das principais universidades do mundo.
- e) é uma resposta social, que pode ser observada em alguns animais.

Resolução

Segundo o texto, a risada é uma resposta social, que pode ser observada em alguns animais.

No texto:

“Laughing is primal, our first way of communicating. Apes laugh. So do dogs and rats.”

* *apes* = macacos

According to the text,

- a) chimpanzees have the same laughing pattern as humans.
- b) one responds to laughing if people around are laughing too.
- c) laughter is prompted mostly by a joke or a trick.
- d) both Provine and Panksepp agree that laughter is a social response.
- e) children laugh as soon as they start learning a language.

Resolução

De acordo com o texto, tanto Provine quanto Panksepp concordam que o riso é uma resposta social.

No texto:

“Laughter above all else is a social thing,” Provine said.”

“It’s deeply social.” (said Jaak Panksepp)

Jeffrey Burgdorf discovered that

- a) rats that laugh grow bigger.
- b) there is a chemical produced in the body by laughter in rats.
- c) people who laugh a lot are less prone to anxiety and depression.
- d) benefits produced by laughter are better than many medicines.
- e) all animals that laugh feel better.

Resolução

Jeffrey Burgdorf descobriu que há uma substância química produzida pelo riso no corpo de ratos.

No texto:

“Northwestern biomedical engineering professor Jeffrey Burgdorf has found that laughter in rats produces an insulin-like growth factor chemical that acts as an antidepressant and anxiety-reducer. He thinks the same thing probably happens in humans, too.”

The excerpt of the first paragraph – *You just do.* – means that

- a) people simply laugh.
- b) you laugh because you learned it.
- c) people laugh involuntarily.
- d) you started laughing since you were a baby.
- e) people laugh the same way.

Resolução

O trecho do primeiro parágrafo – *you just do* – significa que as pessoas simplesmente riem.

No texto:

“No one teaches you how to laugh. You just do.”

* *to teach* = ensinar

No trecho do terceiro parágrafo – *Whether you speak Mandarin, French or English, everyone will understand laughter.* – a palavra *whether* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por

- a) Whatsoever.
- b) In due time.
- c) Nevertheless.
- d) No matter if.
- e) Furthermore.

Resolução

No trecho do terceiro parágrafo – *whether you speak Mandarin, French or English, everyone will understand laughter* – a palavra *whether* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por *no matter if*.

- * *whether* = se
- * *no matter if* = não importa se
- * *whatsoever* = o que quer que
- * *in due time* = na hora oportuna
- * *nevertheless* = entretanto
- * *furthermore* = além do mais

No trecho do quarto parágrafo – *Laugh faster or slower than that and it sounds more like panting or something else.* – a palavra *like* indica

- a) preferência.
- b) probabilidade.
- c) semelhança.
- d) condição.
- e) ênfase.

Resolução

No trecho do quarto parágrafo – *laugh faster or slower than that and it sounds more like panting or something else* – a palavra *like* indica semelhança.

Tradução:

Ria mais rápido ou mais devagar do que isso e mais parecerá estar ofegante ou qualquer outra coisa.

REDAÇÃO

Instrução: Leia os três textos seguintes.

Texto 1

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque na mesa ao lado senta-se um casal negro, com uma filha e um filho adolescentes. Ninguém comenta ou reclama de que se trata de uma demonstração criminosa de racismo, não comprovável mas evidente. A adolescente discriminada põe-se a chorar e pede aos pais para irem embora também. A família comemorava ali o 14.º aniversário dela.

Uma mulher decide sair de um casamento infeliz e pede a separação. O marido, que certamente também não está feliz, recusa qualquer combinação amigável e quer uma separação litigiosa. As duas filhas moças tomam o partido do pai, como se de repente a mãe que delas cuidara por mais de vinte anos tivesse se transformado em alguém desprezível, irreconhecível e inaceitável. Nenhuma das duas lhe pergunta os seus motivos; ninguém deseja saber de suas dores; nenhuma das duas jovens mulheres lhe dá a menor chance de explicação, o menor apoio. Parece-lhes natural que, diante de um passo tão grave da parte de quem as criara, educara, vestira, acarinhara e acompanhara devotadamente por toda a vida, fosse negado qualquer apoio, carinho e respeito.

Os casos se multiplicam, são muito mais cruéis do que estes, existem em meu bairro, em seu bairro. Nossa postura diante do inesperado, do diferente, raramente é de atenção, abertura, escuta. Pouco nos interessam os motivos, o bem, as angústias e buscas, direitos e razão de quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança. Para os outros, mesmo se antes eram muito próximos, queremos a imobilidade, a distância. Cassamos sem respeitar os seus direitos humanos mais básicos. A intolerância, que talvez não conste no índice das religiões mais castradoras, é com certeza um feio pecado capital. Do qual talvez nenhum de nós escape, se examinarmos bem.

(Lya Luft. Veja, 15.12.2004. Adaptado.)

Texto 2

Entrevista com Zilda Márcia Gricoli, historiadora e diretora-executiva do Laboratório de Estudos da Intolerância da Universidade de São Paulo (USP), que investiga e discute o tema em todas suas vertentes.

Qual a proposta do Laboratório de Estudos da Intolerância?

Trata-se de um centro multidisciplinar da Universidade de São Paulo (USP) que investiga todos os dilemas

da intolerância, seja ela política, religiosa, cultural, sexual. Incluímos também o que chamamos de tolerância ao intolerável: prostituição infantil e massacres de populações indígenas e de rua, por exemplo. Trabalhamos ainda com os direitos dos animais. Refletindo sobre a forma como os homens os tratam, descobrimos como eles agem em relação aos seres humanos. Faremos um grande seminário sobre o assunto, aberto ao público.

Dê exemplos da intolerância no Brasil.

Não toleramos o pobre, por exemplo. Pobre é lixo, não queremos ver, queremos jogá-los fora. Pode ser índio, negro, branco. Em São Paulo, há praças que contam com o banco “antimendigo”, com braçadeiras especiais, que não permitem que ninguém durma ali. Gradearam chafarizes para que a população não tome banho. Tudo para “limpar” a cidade dos pobres. Como se eles fossem responsáveis pela sujeira.

É possível desenvolver a tolerância?

Sim. A intolerância é totalmente cultural. A cultura foi criada pelo homem para a sobrevivência da espécie. Ela tem esse objetivo, que é a proteção da vida, e não a destruição. A autonomia cultural não pode ir além da vida humana. Quando a cultura se apropria da negação do outro, é preciso uma intervenção.

(<http://planetasustentavel.abril.com.br>. Adaptado.)

Texto 3

Fascismo, comunismo, nazismo e todos os outros ismos totalitários produziram ao longo dos tempos algumas das mais pavorosas cenas de intolerância perpetradas pelo homem contra alguém que ele julga diferente. “Fogueiras, patíbulo, decapitações, guilhotinas, fuzilamentos, extermínios, campos de concentração, fornos crematórios, suplícios dos garrotes, as valas dos cadáveres, as deportações, os gulags, as residências forçadas, a Inquisição e o índice dos livros proibidos”, descreveu o jurista italiano Italo Mereu, são algumas das mais bárbaras manifestações de ódio adotadas por quem julga “possuir a verdade absoluta e se acha no dever de impô-la a todos, pela força”. A praga da intolerância só atinge esse patamar de perversidade quando um outro valor já não vigora mais há muito tempo: a democracia. É mais ou menos assim que as coisas funcionam. Aniquila-se a democracia em nome de um ideal revolucionário que promete semear a liberdade e o fim da opressão dos mais fracos. Essa é a promessa, mas o que se colhe jamais é a libertação, apenas abuso e intolerância. Numa primeira fase, o abuso é interno e concentrado contra os inimigos políticos do regime. Depois, todos se tornam inimigos em potencial e até a delação de vizinhos vira uma arma de controle social. Na fase seguinte, surgem as guerras contra os inimigos externos.

(Amauri Segalla. Veja, 16.04.2003. Adaptado.)

Com base nas informações e reflexões dos textos apresentados – ou, ainda, agregando a eles outros elementos que você julgar pertinentes –, redija uma dissertação em prosa e em norma padrão sobre o seguinte tema:

A intolerância em xeque

Comentário à proposta de redação

“A intolerância em xeque” foi o tema proposto, a ser desenvolvido numa dissertação. A Banca Examinadora ofereceu ao candidato subsídios suficientes para sua produção textual. Foram três textos: o primeiro relatava dois episódios marcados pela intolerância, traduzida pela tendência a renegar o “inesperado, o diferente”, ou até mesmo “quem infringe as regras da nossa acomodação, frivolidade ou egoísmo”. O segundo texto trazia uma entrevista realizada com a historiadora e diretora-executiva do Laboratório de Estudos da Intolerância da Universidade de São Paulo, que “investiga todos os dilemas da intolerância”, inclusive a “tolerância ao intolerável” – no caso, a prostituição infantil. O terceiro texto denunciava o aniquilamento da democracia pela “praga da intolerância” em nome de um pretensão ideal de liberdade, a exemplo do que teria ocorrido em regimes como “fascismo, comunismo, nazismo”.

A tarefa do candidato consistiu em selecionar, desses textos – assim como de outros de tema semelhante, constantes da prova –, as ideias e informações que julgasse pertinentes ao seu projeto de texto. Entre outras possibilidades, caberia destacar o crescimento da intolerância no mundo, o que levaria a uma reflexão sobre o grau de civilidade dos tempos atuais. Seria apropriado, pois, questionar o que há em comum entre os algozes da Santa Inquisição e os homofóbicos da sociedade moderna, por exemplo, ou o que aproxima a faxina étnica nazista dos bancos “antimendigo” espalhados pelas praças paulistanas. A resposta a tais questionamentos deve ter levado o vestibulando a identificar, em diferentes épocas, o mesmo traço definidor da cultura “que se apropria da negação do outro”, desconsiderando seus direitos mais elementares.

Caso desejasse sugerir formas de combate à intolerância, o candidato deveria reconhecer a dificuldade em se lidar com esse problema, já que, em maior ou menor grau, seríamos, com poucas exceções, se não praticantes, ao menos tolerantes ou coniventes com alguma forma de intolerância.